

O Cotidiano de uma Fronteira: a Criminalidade e Controle Social

Luiz Eduardo Catta*

As cidades de fronteira têm, historicamente, características bastante peculiares, que as distinguem das demais em todo o mundo. Uma infinidade de relações culturais, econômicas, políticas e sociais perpassam pelo cotidiano de sua população, tornando-a singular frente às demais áreas de fixação humana, mormente por acharem-se envoltas numa intrincada rede de interrelações de toda ordem, abarcando povos de distintas configurações étnicas.

Emerge desse quadro Foz do Iguaçu, fronteira do Brasil com o Paraguai e Argentina, no oeste do Estado do Paraná, cujo configuração até início da década de setenta, pouco se diferenciava das demais cidades fronteiriças brasileiras, tendo como principais fontes de renda o turismo às Cataratas do Iguaçu e os conseqüentes serviços a ele relacionado, e a agricultura.

No contexto histórico-econômico da cidade, configuram-se dois elementos importantes, que são complementares: o primeiro tem início em fins do século XIX, quando o extrativismo da erva-mate e, posteriormente, da madeira, são explorados por argentinos com mão-de-obra guarani, destinando-se ao mercado do Prata e do Chile; o segundo, por volta da década de trinta, quando imensa quantidade de colonizadores, principalmente do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, afluem para a região¹, mas também de outras partes do Brasil, em face da inexistência de uma política agrária no país, ou devido a políticas governamentais de ocupação do território, a fim de atenuar os problemas sociais das grandes

* Luiz Eduardo Catta, natural de São Paulo, SP, Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ Foz do Iguaçu. Graduação em F.F.L.C.H.- História - U.S.P. (Universidade de São Paulo), Especialização: "Lato sensu" em A Administração do Desenvolvimento da Atividade Turística em Núcleos Receptores (Facisa/UNIOESTE - E.C.A./U.S.P.) Foz do Iguaçu em 1991. Ingresso no Mestrado: 1992. Trabalho apresentado no XVII Simpósio Nacional de História promovido pela ANPUH, de 19 a 23 de julho de 1993.

1 - Para uma melhor visão do processo de ocupação do oeste do Paraná, inclusive Foz do Iguaçu, ver: WACHOWICZ, Ruy C.. *Obrageiros, mensus e colonos*. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987.

idades². Além do que, a expectativa desses colonizadores de ascender socialmente e tornarem-se independentes economicamente, os estimularam nesse sentido³.

Calcada nesses elementos econômicos, a população local, gradativamente, foi adaptando-se a um novo perfil que foi se estabelecendo a partir de meados dos anos setenta com o incremento do comércio de fronteira (com a Argentina e principalmente com o Paraguai) e com a instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Apesar de pequena, Foz do Iguaçu comportava, até então, uma vasta rede de atividades, as quais formavam diversos segmentos, caracterizando seu cotidiano. Afastada, ao extremo, dos centros nervosos do país, foi sendo ocupada por inúmeras personagens: agricultores que foram se estabelecendo ao longo dos anos de colonização da região; militares do Batalhão de Fronteira que ali chegaram desde 1888 os quais tornaram-se personagens importantes na vida da fronteira, em vista do seu caráter assistencialista, controlador e repressivo, sancionado pela extensão do poder que possuíam⁴; comerciantes oriundos de outras cidades brasileiras e da Argentina, principalmente, que ali vão fixar-se; funcionários público ligados à Alfândega, à Casa de Rendas, à Prefeitura Municipal, etc, que vão aumentando, em número e ganhos, à medida que se expande a cidade; trabalhadores das embarcações que cruzam os rios Paraná e Iguaçu, em direção aos países vizinhos, que começam a dar sinais de grandes expectativas comerciais, apesar de sua pequena intensidade, e que só nos anos setenta tornar-se-ão um dos pilares da economia local; pessoas ligadas ao turismo às Cataratas, que gradativamente, em função da especificidade do setor no contexto brasileiro, vai atraindo cada vez mais a população local e da região⁵. A transformação dessa ordem, estabelecida durante todo o processo de ocupação, colonização e montagem da estrutura urbana de Foz do Iguaçu, para uma nova, tem início com a instalação da Usina de Itaipu, a partir de 1973.

2 - As propostas de Filinto Müller durante o Estado Novo bem como a famosa "Marcha para o Oeste" apontam nessa direção.

3 - Otavio G. Velho assim se expressa sobre essa questão: "Assim, o que a fronteira, quando se abre, parece representar, é na verdade um locus privilegiado para o desenvolvimento da agricultura. No caso do campeonato, significa que na fronteira ele não é mais o resquício de uma formação anterior ou de uma formação em processo de desaparecimento. Ele é o pequeno burguês progressista que tanto Stolipin quanto Lenine, por razões bem diferentes, estavam à procura. Contrariamente à expectativa geral quanto ao destino da pequena produção mercantil sob o capitalismo, neste caso ele está ascendendo em comparação com a sua situação anterior." Im: *Capitalismo autoritário e campeonato*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.p. 97.

4 - Existe um "Livro de Ouro" do Batalhão onde constam todas as suas realizações e sua participação na fronteira desde a sua instalação em Foz do Iguaçu.

5 - Vale lembrar que o grande "boom" do turismo começa na década de setenta nos grandes países capitalistas, tendo sido reconhecido como segmento econômico importante no Brasil tardiamente a partir da década de oitenta.

A construção de tal Usina, demandou a contratação de um imenso contingente de trabalhadores, que no seu apogeu, em 1978, atingiu a 30.263 pessoas, das quais pouco mais de vinte mil brasileiros e os demais paraguaios⁶. Este acontecimento contribuiu para um enorme incremento da população de Foz do Iguaçu, que passou de aproximadamente 30.000 habitantes em 1973⁷ para 185.000 segundo o censo do I.B.G.E. de 1992. Vindos de todas as partes do Brasil, formaram um caleidoscópio sócio-cultural, que afetou diretamente os antigos moradores, bem como alterou radicalmente seu cotidiano.

As transformações operadas estruturalmente na cidade, modelada meticulosamente, no que se refere à sua configuração espacial e à conduta imposta aos trabalhadores da Usina e àqueles que direta ou indiretamente estavam a ela ligados, atendeu em boa medida aos interesses de uma elite que para ali se transferiu, tendo o apoio de sua congêneres anteriormente ali estabelecida⁸, amparadas não só pela empresa binacional de Itaipu, como também pelo poder público local.

Nessas bases, alterações profundas de ordem econômica e social, se processaram no cotidiano daquela gente, no curto espaço de quinze anos, que além de um nova ordem espacial, passou a conviver com novas leis e normas de conduta, impostas que foram pela presença da maior hidrelétrica do mundo e seus agregados, que ali acorreram em busca de novas alternativas de trabalho.

Se a Usina organizou espacialemente a cidade com a construção de "vilas" diferenciadas para cada nível de trabalhador, com toda a infra-estrutura possível (clubes de lazer, hospitais e postos de saúde, escolas, etc. em cada uma delas); se moldou o comportamento de seus habitantes; se garantiu a segurança de seus trabalhadores e seu patrimônio com a formação de uma polícia própria a qual passou a controlar rigidamente toda a área de sua influência e fazendo refletir sua atuação em toda a cidade; desempenhou também o papel de transformadora fundamental do cotidiano da população local. Marcadamente quando da dispensa de um enorme contingente de operários, que passaram a agregar-se a Foz do Iguaçu, não contando mais com o apoio da Itaipu.

6 - Cf. MENEZES, Alfredo da Mota. *A herança de Stroessner: Brasil e Paraguai, 1955-1980*. Campinas/SP: Papyrus, 1987. p.36.

7 - Cf. projeção I.B.G.E. para 1973.

8 - a) uma formada localmente, com interesses cunhados ao longo do processo de colonização e consolidação jurídico-institucional da cidade; b) outra, estrangeira, estabelecida economicamente em território paraguaio, mas possuindo vida social e política em Foz do Iguaçu; c) e uma terceira, imposta via governo federal, quando da montagem técnico-administrativa da Usina de Itaipu.

As principais conseqüências dessas transformações foram: uma massa heterogênea que passou a sobreviver às custas de trabalhos informais sem a perspectiva de ver concretizado o sonho de enriquecimento propalado pelas elites⁹; a criminalização da atuação desse segmento da população pelas elites, com a anuência do poder público e com o devido controle e repressão pelas polícias ali estabelecidas¹⁰; um favelamento acelerado nas áreas periféricas da cidade e um vertiginoso aumento da exploração imobiliária; desorganização das áreas centrais com um trânsito caótico, acidentes constantes, formação de comércio paralelo de produtos diversificados e mesmo a derrubada e descaracterização de prédios históricos; alto índice de criminalidade (assaltos, arrombamentos, homicídios, furtos de automóveis que são levados para desmanche ou comercializados no Paraguai); a formação de organizações que buscam, nesse embate entre classes, sobreviver às estruturas impostas pela acelerada mudança de seu cotidiano nos últimos quinze anos.

Há que se ressaltar que essa massa disforme, composta por brasileiros, paraguaios, argentinos, índios guaranis, cidadãos "civilizados", trabalhadores rurais, profissionais liberais, políticos profissionais, assaltantes, traficantes, fazendeiros, comerciantes, contrabandistas, desocupados, policiais, subempregados, militares, artistas, prostitutas, "sem-terras", grandes empresários, jogadores profissionais, marginais de toda ordem, têm que se organizar, ou se modelar a um espaço que rapidamente se amplia e se concentra, formando uma área tensa, desequilibrada, ou fragilmente equilibrada sobre uma ordem estabelecida segundo as conveniências do momento, ou inventadas ao sabor das necessidades que se apresentam.

É no cotidiano desse espaço que as camadas populares ou "desclassificadas" se permitem fazer e desfazer suas organizações de solidariedade, grupos, alianças e conflitos.

Obviamente, não é possível estabelecer que apenas os ditos deserdados do poder, os subempregados ou aqueles que trabalham na economia informal, e os marginalizados, compõem o cotidiano dessa cidade. É importante ressaltar o papel representado pela elite local no sentido de explorar essas camadas populares, de restringir seu espaço de atuação, de criminalizar comportamentos e práticas sociais, e, através da política, partidária ou não, depender desse segmento e a ele se dirigir, o que é de capital importância na dinâmica social de Foz do Iguaçu.

9- Apesar de toda a propaganda, Foz do Iguaçu possuía em 1991, 45% da população recebendo entre 0 e 3 salários mínimos. (Jornal O Combate. Foz do Iguaçu, 18 a 23 de dezembro de 1991.)

10 - A cidade comporta a Polícia Federal, a Polícia Civil, a Polícia Militar, a Receita Federal que fiscaliza principalmente a aduana, além do 34º Batalhão de Infantaria Motorizada e da Capitania dos Portos ligada ao Ministério da Marinha, além da Segurança de Itaipu.

O que existe é uma relação de circularidade entre as práticas cotidianas das camadas populares e das elites locais, no sentido de que o comportamento, as lutas travadas e a resistência dos setores desfavorecidos, estão diretamente envolvidas com o processo de normatização das práticas sociais, o controle social, a disciplinarização espacial da cidade, a ampliação ou retração do mercado de trabalho, a atuação legislativa visando a manutenção de seus privilégios e a repressão policial. Nesse sentido os projetos das elites são adaptados de acordo com o jogo de forças que vão se estabelecendo.

O que buscamos nesse trabalho, dentro de uma perspectiva histórica que utiliza o cotidiano como categoria de análise, é mostrar o processo de transformações produzidas em uma das muitas cidades de fronteira do Brasil, tendo como dimensão espaço-temporal, Foz do Iguaçu entre 1973 e 1991, visto que uma série de aspectos a distingue das demais: está localizada em uma região de fronteira com três países; expandiu-se economicamente através de atividades pouco comuns em nosso país (no que diz respeito às atividades clássicas de um país com o perfil do Brasil) que é o turismo, a geração de energia e o comércio de importação e exportação; ser o elo de passagem e de intercâmbio entre povos de culturas distintas no sentido etnolinguístico, mas idênticas quanto ao processo colonizador de exploração, sujeição e dependência crônica sofrida em relação aos grandes países capitalistas; ter experimentado um rápido crescimento com a desestruturação das práticas cotidianas de sua população; e, como reflexo desse processo, ver acentuar-se a insegurança de sua gente, seja quanto às perspectivas de alternativas que não as tradicionais para sobreviver, seja quanto aos níveis alarmantes de criminalidade e violência, digna das grandes cidades, e que no caso está vinculada às duas margens do rio Paraná (Ciudad Del Leste e Foz do Iguaçu).

Em princípio surgem alguns questionamentos importantes para melhor compreensão de como se processaram tais mudanças em período relativamente breve.

Primeiramente a pertinência de se utilizar o cotidiano enquanto categoria de análise e qual o seu valor para os estudos da História que vêm ocorrendo atualmente. Depois, o que significa o cotidiano de uma fronteira, e qual o seu peso dentro de um quadro referencial mais amplo, que passaria pela conjuntura brasileira das duas últimas décadas. Um terceiro ponto seria o papel desempenhado pela Usina de Itaipu nesse processo desagregador e desestruturador do cotidiano daquela cidade. E por fim, que elementos dentro da estrutura social da cidade viram-se afetados em maior ou menor intensidade e como, principalmente, as camadas populares enfrentaram o embate com as elites nesse novo contexto.

Na medida em que consigamos fazer convergir as respostas para estas perguntas, talvez seja possível perceber toda a complexidade que envolve a população dessa cidade, em seu cotidiano, rapidamente vendo transformar-se seu espaço, sua moral, suas regras de atuação social, e transformando, antes de tudo a si próprios.

Observamos, nesse sentido, que nas últimas décadas, muitos historiadores produziram livros, teses e dissertações relacionadas com a temática da cotidianidade na História, temáticas estas que ocupavam-se de diversos momentos históricos e de lugares tanto quanto distintos.

Porém, como já foi dito por alguns estudiosos¹¹, poucos historiadores se debruçaram efetivamente sobre a questão do cotidiano, principalmente do Brasil, para uma teorização profunda sobre o mesmo e a sua utilização pela História Social.

Essa tarefa, basicamente, foi assumida pela Filosofia e pela Sociologia, que têm, inclusive, questionado o papel do historiador quanto às abordagens que fazem do conceito cotidiano. Assim, alguns pensadores como Henri Lefebvre, Agnes Heller, Karel Kosik, Jean Baudrillard, apenas para citar alguns, ocuparam-se do tema da cotidianidade, procurando, cada qual com sua visão filosófica, teorizar tal conceito.

Em nossa perspectiva, ao pretendermos mergulhar na dinâmica de uma sociedade, que reputamos complexa, como aquela que se forjou na fronteira do Brasil com Paraguai e Argentina, tínhamos claro, primeiramente, que necessitaríamos conhecer sua estrutura sócio-político-econômica e cultural, sob a ótica dos agentes do processo que ali se produziu. Ou seja, um imenso contingente de trabalhadores das mais diversas formações culturais e ideológicas por um lado, e por outro uma elite constituída de três segmentos diversos (mas não estanques), com os mesmos anseios permeando sua prática e seu discurso.

Por outro lado, não obstante terem objetivos, sonhos ao mesmo tempo compatíveis ou similares enquanto amplos segmentos sociais, possuem, na mesma medida, caráter bastante difuso quanto à especificidade de seus interesses e projetos econômicos, políticos, pessoais, o que apenas numa micro-análise seria possível constatar. Em outras palavras, tendo em mente o que foi escrito por Agnes Heller, de que "a vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico (...)"¹²,

11 - Destaque para o trabalho da historiadora PETERSEN, Silvia Regina Ferraz: *Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana*. mimeo Curso de Pós-Graduação em História da UFRGS, n. 3, Porto Alegre, maio de 1991.

12 - Cf. HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 1989. p. 20.

acreditamos que apenas nos detendo nos micro-agrupamentos que se formaram na cidade, cada qual com suas expectativas, e ao mesmo tempo, num imbricar-se de objetivos comuns e particulares, é que conseguiríamos detectar a essência das relações ali produzidas e em constante transformação.

Acrescente-se a isso que, o jogo de interesses que vai se consolidando em tal contexto, passa necessariamente pela luta de classes que se forma nas relações pessoais, forjadas no cotidiano e essencialmente na solidariedade que se molda a "duras penas", não sem grandes conflitos e envolvendo os setores populares e as elites, que buscam vantagens maiores para si utilizando-se das armas que têm às mãos¹³.

Tomando emprestadas as palavras de Karel Kosik:

"Na cotidianidade tudo está ao alcance das mãos e as intenções de cada um são realizáveis. Por esta razão ela é o mundo da intimidade, da familiaridade e das ações banais. A morte, as doenças, o nascimento, os êxitos e as derrotas constituem os acontecimentos calculados da vida de cada dia. Nesta o indivíduo cria para si relações, baseado na própria experiência, nas próprias possibilidades, na própria atividade e daí considerar esta realidade como o seu próprio mundo"¹⁴.

É nesse embate do cotidiano que se constroem as relações de solidariedade essenciais entre as camadas populares, o que lhes permite, num quadro de "repartição injusta da escassez, realizada em nome do direito durante longos séculos (...)"¹⁵, criado pelo capitalismo, sobreviver em meio a uma parafernália de mecanismos coibitivos e penalizantes.

Nesse sentido, o estudo do cotidiano nos permite trazer à tona a história dessas camadas, desprivilegiadas durante muito tempo pelos historiadores, descortinar a visão, a memória e a voz desses setores excluídos "antes por um esquecimento ideológico que por efetiva ausência de documentos"¹⁶, e conseguir entender essa multiplicidade de pensar, agir, produzir, julgar, que estão em contínua e constante interação.

No que tange ao cotidiano da cidade de fronteira, a forma pela qual se interrelacionam e interagem sua população, resulta, necessariamente, na reelaboração gradual, e na maioria das vezes, de forma inconsciente, de todo um complexo cultural

13 - Ver nesse sentido o trabalho de CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986.

14 - Cf. KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Ed.Paz e Terra, 1976. p.69-70.

15 - Cf. LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: ed. Ática, 1991.p. 29.

16 -Parodiando Maria Odila Leite da Silva Dias em seu trabalho *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.7.

formado ao longo de séculos pela ação desses mesmos indivíduos, inseridos que estão numa realidade distinta daquela vivida em outras regiões.

Isso tornou-se possível, na medida em que contínuas levas de pessoas oriundas de diversas localidades vêm fixar-se nessas cidades de fronteira, trazendo consigo, e colocando em prática, novos referenciais culturais, que se estendem desde o comportamento no dia-a-dia e suas formas de convívio mais elementares na sociedade, até a visão que carregam acerca das coisas que os rodeiam.

Um incessante afluir de idéias, de sons, imagens, gestos, comportamentos, manifestações de toda ordem, compõem, de forma lenta segundo uma visão histórica de "longa duração", ou de maneira abrupta se nos propusermos a analisar recortes dessa mesma história, uma cultura singular e que, na sua singularidade varia conforme as especificidades de cada uma dessas cidades.

Assim, alguns aspectos emergem como marcantes dessas regiões, ou pertinentes a elas, formando um amplo quadro referencial das mesmas, guardados aqueles próprios de cada um. Em primeiro lugar são regiões historicamente instáveis e de conflitos latentes, que não raramente provocam questionamentos, discussões acirradas entre sua população, seja em função do mercado de trabalho oferecido, da ocupação da terra alheia, dos privilégios e qualidade de vida que possuem, das relações políticas que ali se estabelecem, ou até mesmo em função dos preços dos produtos que consomem.

Outro aspecto, é que essas áreas estão agulhoadas aos interesses dos Estados que as comportam e que, com fins estratégicos, procuraram ou procuram estabelecer novas demarcações ou questionar as já existentes. Essas atitudes, responsáveis por muitos impasses, controvérsias e animosidades, incidem diretamente nas populações locais que, invariavelmente, incorporam esses conflitos e os manifestam em seu cotidiano.

E um terceiro aspecto, é serem essas regiões, áreas de segurança máxima, comportando a presença de um reforçado aparato policial-militar, com o intuito de prevenir, evitar e zelar pelo tráfego de pessoas, veículos, produtos, etc, de um lado para o outro, o que nem sempre é conseguido. Ou, muitas vezes, está condicionado a objetivos particulares dos agentes que fiscalizam tal tráfego, ou a interesses de momento, ditados pela política dos países envolvidos nessa tarefa.

A partir desses elementos, forma-se toda uma estrutura de controle da sociedade, cujo poder, considerado "como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social"¹⁷, e exercido pela elite local, presta-se à repressão dos "desvios" que venham a se configurar nessas cidades.

Apesar disso, a uniformização da população que habita a fronteira, ou a tentativa de enquadrá-la num conjunto homogêneo de pessoas, com as mesmas perspectivas, os mesmos sonhos, as mesmas lembranças, o mesmo "agir", posto que historicamente carregam consigo experiências múltiplas e específicas, moldadas, invariavelmente à revelia de sua vontade, mas certamente permeadas pela imposição de uma ordem sócio-econômica que não correspondia às suas expectativas, torna-se bastante difícil.

Trazem consigo para a fronteira, uma cultura própria que plasma-se com outras culturas, também ali chegadas constantemente, as quais, mais uma vez, vêm amalgamar-se com cultura local, produzindo, de um lado, um hibridismo cultural, e de outro, o relampejar de reminiscências culturais originais que não se apagaram de sua memória.

17 - Cf. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1989. p.8.